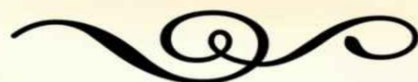
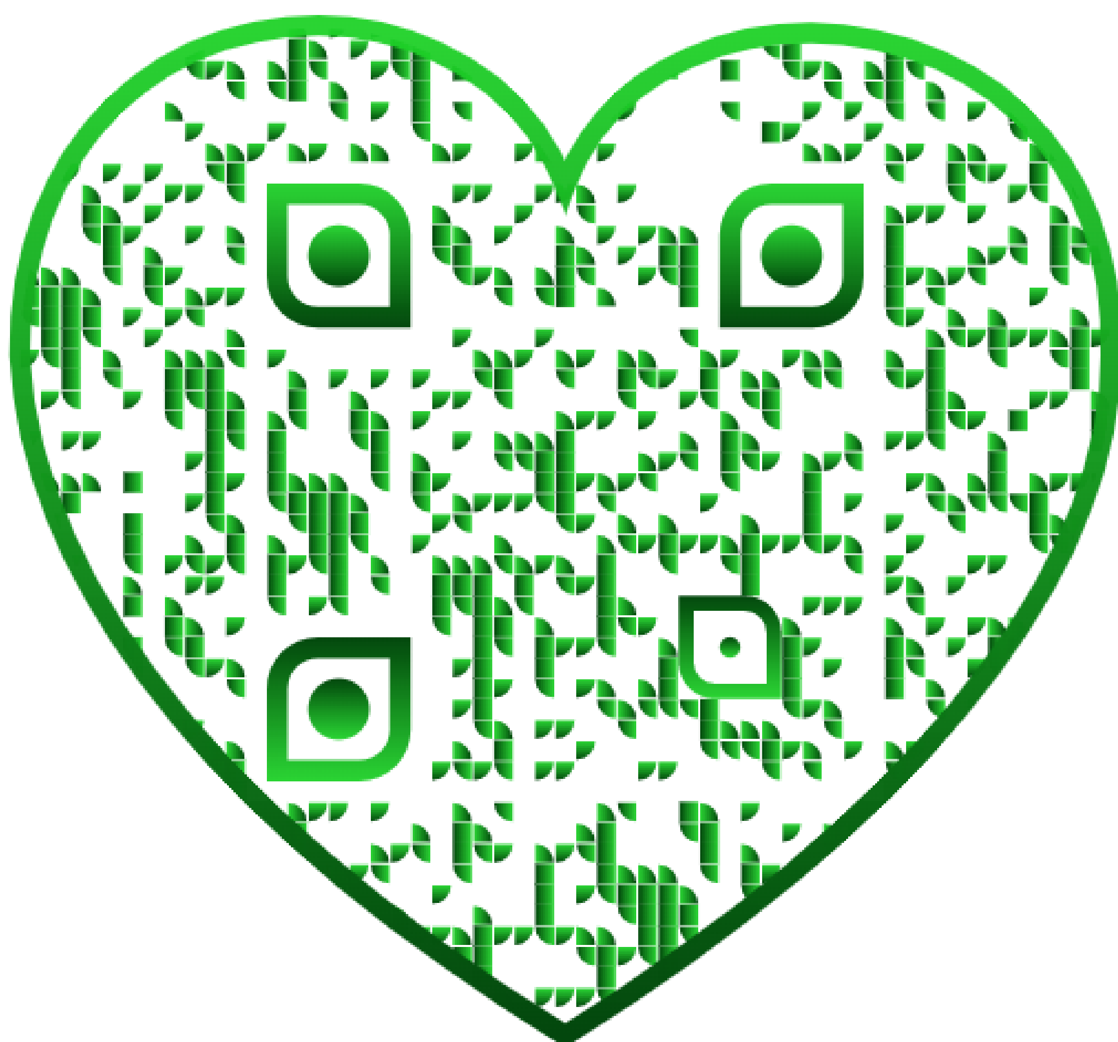
conto erótico

sublime

flávia padula







SUBLIME

Flávia Padula

Copyright © Flávia Padula 2016

Conto proibido para menores de 18 anos

Conto de Época Lésbico

ISBN: B01MQPVSSH

Todos os direitos são reservados ao autor, proprietário da obra, registrada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e no Avictoris.com, com licença em 160 países.

Durante muito tempo eu tive vergonha de tudo que escrevia, tanto que protelei durante mais de vinte anos a publicação de minhas histórias. Mesmo assim, em 2016, eu ainda fiz a besteira de publicar alguns contos com nomes fictícios, com medo da crítica. Este em especial em nome de Alexandra B.W. Até que eu atravessei a mais terrível das críticas, superei, e decidi assumir minhas histórias. Este conto foi escrito há muitos anos, para provar que o amor pode existir em muitas vertentes, mesmo que ele não consiga vencer o preconceito.

Com carinho,

Flávia Padula

SUMÁRIO

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10

1

A temporada havia terminado em Londres e eu, finalmente, estava prometida a Henry Harrington. Mas diferente das outras moças da minha idade, eu não estava feliz, afinal, eu não o amava, sequer o desejava, apenas possuía por ele grande apreço, como a um irmão, mas nada e jamais seria diferente. Entretanto, não havia escolha, Henry era o genro perfeito desejado por meus pais e através deste casamento, eu me tornaria uma senhora respeitada, mãe de filhos perfeitos, dona de propriedades incalculáveis, teria carruagens lindas, joias, vestidos caros, amigos de posses e títulos, empregados à minha disposição, luxo, glória e inveja. Mas, eu enxergava como uma vida de tédio e infelicidade. Não seria ingrata, mas não podia ser agradecida pela tristeza de não encontrar meu próprio caminho.

- Elise! – a voz de minha mãe soou pelos corredores.

Eu estava sentada no telhado, desenhando a paisagem maravilhosa a minha frente. Eu não cansaria de reproduzir os campos de Stort Park, com seus jardins coloridos, o lago com cisnes e seus belos ornamentos. Entretanto, o que eu mais apreciava, sem dúvida, eram os montes mais além, os campos que se estendiam a perder de vista, e me faziam sonhar com uma vida que eu jamais teria: livre e longe das rígidas regras sociais. Ali era o meu refúgio, eu podia fechar os olhos, respirar o ar puro, e esquecer-me do ambiente opressivo no qual vivia.

Outro grito de minha mãe ressoou pelos corredores, eu fechei o bloco

e voltei para dentro de casa, se ela me descobrisse ali, desenhando, seria o inferno! Meus sapatos estavam jogados no chão e corri para calçá-los e sair dali rápido, desci as escadas dos fundos e atravessei o corredor que me levaria à cozinha. Assim que entrei, Margaret, a governanta da casa, jogou um pano úmido para mim, afim de limpar as mãos sujas de carvão, que usava para desenhar. Ela era minha cúmplice na arte de enganar minha mãe.

- Você está aí! – minha mãe falou entrando rapidamente.

Coloquei as mãos para trás.

- Eu estava no quintal passeando – menti – Não a ouvi, desculpe-me...

Ela me estudou por um instante, à procura da mentira. Mas sustentei o olhar e ela desistiu.

- Os Handerson estarão passando algumas semanas no solar, em Monbray. Vamos recebê-los num jantar, esta noite...

- Tudo bem – forcei um sorriso.

- A filha mais nova deles virá também. Eu a ofereci para ser dama de companhia dela enquanto estiverem aqui – avisou.

- O que? – eu fiz que não – Eu não quero ser dama de companhia de ninguém!

- Eu já ofereci, não há como voltar atrás – disse irredutível – E eles aceitaram, está tudo arranjado.

Aquelas moças de Londres chatas e fúteis, eu morreria de tédio em semanas!

- Podia ao menos ter me consultado antes – falei irritada.

- Você não iria... – ela virou-se para sair, mas voltou-se por um

instante – Esteja impecável, Henry virá com eles – comentou para meu total desespero – Infelizmente, ele não poderá ficar mais que dois dias, os negócios do pai necessitam a atenção dele.

Eu senti um imenso alívio.

- Isso é horrível! – eu menti.

- Eu sei, minha querida – minha mãe disse compreensiva e aproximou-se com verdadeiro pesar. Fiquei tensa, se ela pegasse em minhas mãos, veria o carvão e seria um dia todo de sermão, sobre o quanto eram vulgares meus desenhos – Mas logo estará em sua casa, em Londres, terá uma vida feliz ao lado de Henry.

- É o que espero – menti novamente, como sempre e o tempo todo.

Os Harrington eram donos do maior estaleiro de Londres. Trabalhavam com importações e estavam desbravando o comércio com o Novo Mundo. Meu pai era banqueiro. Era a união perfeita de fortunas que se multiplicariam e eu seria a rainha de tudo aquilo. Todos estavam felizes com aquela união. Menos eu.

2

Henry Harrington era um homem lindo, sem dúvida. Embora eu não sentisse nada por ele, a não ser um sentimento intensamente fraternal, precisava admitir que ele fosse realmente atraente com seus cabelos castanhos lisos e iluminados, os olhos azuis intensos, porte elegante e muito charmoso. Eu não era cega. As moças me invejavam, se matariam para ser a senhora Harrington ou ter uma pequena atenção dele. Além disso, ele era um homem inteligente, educado e simpático. Eu mesma adorava passar horas conversando com ele, afinal, sabia sobre tudo e não era um homem de mente fechada para sua época. Talvez fosse isso que fizesse dele um negociador tão brilhante e respeitável. E para completar, Henry era um homem íntegro e determinado, e não podia deixar de admirá-lo.

Entretanto, mesmo ele sendo o homem perfeito para me fazer feliz, eu não conseguia amá-lo como queriam, desejá-lo como deveria ser. Apesar de me sentir bem ao seu lado e muito segura, quando ele me tocava, eu era tomada de uma repulsa incrível, o que ele entendia como timidez de uma mulher virgem.

Naquele jantar, ele estava lindo e mostrava-se tão apaixonado por mim, que eu me sentia culpada. Desejava retribuir tamanho sentimento e devoção, porque eu sabia que eram sinceros, mas eu não podia, jamais conseguiria. Apenas poderia lhe corresponder com meu carinho e gentil afeição, nada mais.

- Eles chegaram – minha mãe avisou ansiosa, e levantou-se para receber os Condes de Huntingdon.

Todos ali presentes, os aguardavam com ansiedade. Muitos dariam o braço para tê-los como amigos, afinal eram ricos, possuíam um título e eram influentes. Meus pais possuíam esta vantagem e não porque fossem bons ou gentis, mas quem não gostaria de ter como amigo, um banqueiro?

Então, eu a vi. Ela surgiu perfeita e linda, completamente dona de sua beleza angelical e perturbadora. Surgiu detrás dos condes com seu vestido simples, escuro, até um pouco fora de moda, mas que não omitia sua beleza singular. Em minha mente, eu desenhava seus gestos, delicados e inseguros. Meu olhar se prendeu nos olhos muito verdes e tristes, em sua pele delicada, nos lábios rosados que estavam crispados de ansiedade no momento. Os cabelos loiros estavam escondidos debaixo da touca, e apenas alguns fios brilhavam como a luz do sol. Eu poderia pintá-la naquele momento, que não faria jus ao tamanho esplendor de sua existência.

- Quem é ela? – perguntei a Henry, sem tirar os olhos da moça.

- Aquela é Anne Handerson, a filha caçula dos condes.

Eu não conseguia tirar os olhos dela. Meu coração bateu forte quando nossos olhares se encontraram. E como mágica eu soube que ela também havia me notado.

- Eu não a conhecia – murmurei para ele.

- Ela não debutou. Anne está destinada ao convento – contou-me.

Minha boca secou e ela desviou o olhar, nervosa. Eu soube que minha vida jamais seria a mesma depois de encontrá-la.

3

Anne era a quinta filha dos Handerson. Durante o parto, a condessa teve complicações e a parteira não poderia salvar as duas e o conde deveria escolher qual delas ele queria viva. Desesperado e tomado por sua fé, ele ajoelhou-se no meio do quarto e pediu a Deus que salvasse as duas e que se este prodígio fosse concedido, sua filha se tornaria uma serva de Cristo e seria enviada ao convento. Anne nasceu e a promessa seria cumprida.

Ela me pareceu tímida, retraída, talvez por sua educação rígida e severa. Ela mal me olhou quando fomos apresentadas, parecia querer sair da minha presença, mas eu estava fascinada demais por sua beleza para deixar me intimidar. Mesmo nervosa, com o coração aos saltos, aproximei dela logo após o jantar, quando ela ficou sozinha perto da varanda, olhando para o nada, perdida em seus pensamentos. Havia algo nela que me intrigava, e que me instigava a me aproximar. Eu não sabia o que era, mas estava curiosa.

- A senhorita tem uma bela paisagem aqui – ela comentou antes mesmo que eu pronunciasse qualquer coisa.

De perto, ela era ainda mais bela. Demorei alguns segundos para responder, até o som da voz dela mexia comigo.

- Sim – eu parei ao seu lado e olhei na mesma direção que ela. A lua brilhava alta no céu e a noite estava linda, de céu estrelado. Na verdade, acho que eu nunca tinha visto Stort Park tão bonita, enquanto sentia emoções tão intensas que mesclavam a minha alma. Eu poderia reproduzir o que meus

olhos apaixonados viam naquele momento, que seria diferente de tudo o que havia desenhado antes. – O solar de Monbray também deve ser lindo.

Anne me olhou. Senti algo diferente em seu olhar desta vez, como uma cumplicidade, como se ela soubesse exatamente como eu estava me sentindo naquele momento.

- Sim, é lindo também.

Eu sentia que ia morrer com aquele olhar doce sobre mim.

- Eu costumo desenhar a mesma paisagem todos os dias – contei a ela.

Era como se eu pudesse entregar minha vida em suas mãos. Eu diria o que ela quisesse, atenderia seu menor pedido. Como isso era possível se eu mal a conhecia? Havia sido apresentada a tantas pessoas antes, mas nenhuma me despertara tamanha ânsia de viver, como agora.

- A mesma paisagem? – ela perguntou surpresa – Não se cansa?

Eu fiz que não:

- A paixão faz com que vejamos a mesma coisa todos os dias de formas diferentes – observei – Talvez seja a forma como o enlevo encontra para sobreviver dentro de nós.

Ela prendeu a respiração por um instante e depois desviou o olhar para a paisagem:

- Gostaria de ver seus desenhos – ela murmurou, quase não ouvi.

- Claro – eu fiz que sim empolgada – Vou ser sua dama de companhia, será um prazer mostrar-lhe todos.

Nunca pensei que a proposta de minha mãe me causaria tanta felicidade. Como dama de companhia da Senhorita Handerson, eu ficaria ao

seu lado praticamente o tempo todo, seria divino, um presente do universo para mim.

- Talvez seja tedioso para a senhorita ser minha dama de companhia – ela observou – Não costumo sair de casa.

- Imagine – eu falei empolgada – Também não costumo sair muito, tenho uma vida bastante reclusa.

- Mas a senhorita poder ir aonde desejar, não é? – me perguntou e eu assenti. – Eu não posso.

- Mas veio aqui, hoje – falei de forma positiva. A tristeza dela me entorpecia de dor.

Ela olhou bem dentro dos meus olhos. Eu senti meu estomago revirar:

- Eu vim apenas para conhecê-la Senhorita Lewis...

Eu poderia cometer uma loucura naquele momento. Dei um passo para frente, completamente entregue aos meus sentimentos. Ela sentia o mesmo, era óbvio que sim.

- Eu a encontrei – a voz de Henry soou atrás de mim e eu recobrei o juízo. O que eu estava fazendo?

- Sim, Henry? – eu me voltei para ele.

- Eu a estava procurando – ela observou e voltou-se para Anne – Senhorita Handerson. – ele fez mesura elegante.

- Senhor Harrington – ela fez mesura.

- Espero que sua estadia em Monbray seja agradável – ele comentou.

- Acredito que sim, são meus últimos dias livre antes de minha reclusão ao convento - ela observou.

Aquela notícia deixou meu coração apertado. Eu não queria que ela fosse para um convento. Não desejava que ela se apartasse de mim. Deveria estar ficando louca.

- A senhorita nos dá licença? Preciso de Elise para tratar de um assunto junto ao pai dela – explicou-se.

- Claro – ela voltou-se para mim – Eu a aguardo amanhã em minha casa, Senhorita Lewis.

- Perfeitamente – foi a única coisa que consegui dizer, antes de Henry me levar para perto de meu pai.

Não me recordo o assunto que tratamos, minha mente estava voltada para a voz que me dizia: *Eu vim apenas para conhecê-la Senhorita Lewis...*

4

Não dormi naquela noite. Desenhei o rosto de Anne por horas. Conseguia lembrar atentamente de seus traços, desde os olhos, os cachos de seus cabelos, a curva de seu pescoço. Ela era tão frágil que se eu tocasse, temia que pudesse quebrá-la. Eu reproduzi todas as suas formas como poesia que se tinge no papel, através de traços apaixonados. Ela era linda e eu ficava excitada cada vez que me recordava de seus gestos, do modo como ela me olhava, mesmo tímida, ela me queria.

Eu podia sentir isso.

Ninguém antes havia me despertado tanta paixão e luxúria. Eu morreria se não a tocasse, e se não experimentasse do sabor de sua pele, se não sentisse sua respiração contra a minha, sua boca se abrindo para me receber. Eu ansiava por saber se sua pele era quente e que efeito causaria em mim quando me tocasse. Deixei o bloco de lado e beijei o desenho que fiz de seus lábios. Imaginei como seria desenhar a paixão através de seus olhos, depois de sentir o sabor de seus gemidos.

Meu corpo inteiro queimava de desejo como nunca antes. Levantei-me de minha escrivaninha e dancei pelo quarto como uma tola, como se novas músicas soassem aos meus ouvidos de forma mágica. O que era isso, meu bom Deus? O que era esse tormento que me assolava e fazia de mim, uma ingênua apaixonada?

Com a ponta dos dedos sujos de carvão, tirei minha camisola e dancei

nua. Tentava sentir minha pele, como se fosse Anne me tocasse, ou que eu a tocasse com ansiedade para que fosse minha. Eu podia vê-la entrar em meu quarto, sorrateira em meu delírio, presa em minha fantasia. Anne se aproximava de mim, tímida, olhando-me com aqueles olhos verdes que me enfeitiçaram. Eu não pude impedi-los de me seduzir.

Ela me empurrava até minha cama e eu me deitava à espera do que viria a seguir, inquieta e excitada. Ajoelhava-se e abria minhas pernas delicadamente, subindo suas mãos pequenas pelas minhas coxas, deixando-me louca de paixão. Eu fechava os olhos e podia sentir a gema de meus dedos em meus clitóris, mas na verdade, eu queria que fosse a língua macia e aveludada de Anne.

E eu subia e descia meus dedos. Subia e descia... Subia e descia...

A paixão tomou conta do meu ser e eu comecei a gemer perdida nos devaneios puros e ardentes. Movimentei-me com mais volúpia, meus quadris se arrastando pelo lençol à procura de alívio para a minha paixão, até sentir o gozo de meu secreto desejo.

Eu cobiçava Anne como jamais havia desejado ninguém.

Algo proibido que a sociedade jamais aceitaria.

Como alguém poderia entender aquilo? Eu não sabia explicar o que acontecia, Anne havia despertado algo dentro de mim que eu não acreditava que existisse. Eu podia querer alguém realmente, eu podia ansiar por outra pessoa, e ser eu mesma. Sim, ao ver Anne, eu era Elise apenas, ninguém mais. Eu não precisava ser a filha ou a irmã perfeita, nem a noiva de Henry, muito menos a dama que a sociedade achava que eu deveria ser.

Encontrar Anne foi como reencontrar parte de mim, que eu havia perdido entre as exigências sociais. Eu ri, rolando na cama e peguei

novamente o desenho e acariciei seus traços. Anne era o símbolo de minha verdadeira felicidade, o motivo pelo qual eu existia no mundo.

5

Na manhã seguinte, recebi o bilhete de Anne confirmando minha visita à Monbray. Quando cheguei ao salão dos Handerson, eu estava exultante, controlando-me para não demonstrar minha ansiedade. A condessa me recebeu e ficamos no salão tomando chá, enquanto Anne não descia.

- Ela está terminando suas rezas – a condessa me explicou – Fico feliz que tenha aceitado ser dama de companhia de Anne até o dia de seu confinamento.

Aquele detalhe me causava ojeriza, não podia conceber a ideia de ver Anne presa entre paredes frias e silenciosas, longe de mim.

- Minha filha anda muito solitária e triste...

- Eu imagino – o sofrimento dela era meu, isso me cortava o coração.

- As irmãs estão casadas – a condessa prosseguiu – E às vezes, tenho a sensação de que Anne não é feliz no caminho que meu marido lhe impôs - Eu vi tristeza nos olhos da condessa e ela forçou um sorriso – A vida de Anne custou sua liberdade... A maioria das moças de sua idade está sonhando com o dia de seus casamentos – ela me olhou atentamente – Deve estar feliz com a chegada do seu, não é querida?

- Muito – respondi.

- Henry é um rapaz muito bonito. Meu marido até tentou casá-lo com nossa filha Sara, mas ele não quis, sempre esteve apaixonado pela senhorita...

Deve se sentir muito lisonjeada de ter um homem tão rico e que a ama.

Sim, eu ficava, mas não do modo como ela pensava e também não esperava tanta inveja vindo por parte dela. Eu estava ficando irritada com aquela conversa, quando Anne entrou na sala. Todo meu mau humor se dissipou e a paixão tomou conta do meu ser. Levantei-me. Eu queria atravessar a sala e abraçá-la, e estreitá-la contra mim, sentir o calor de seu corpo, dizer que havia sentindo sua falta. Mas era ridícula tanta afeição inexplicável, e isto mataria a condessa do coração e causaria um escândalo terrível. Cumprimentamo-nos como exigia a educação, com mesuras. Eu era apenas sua dama de companhia e não sua amante, eu precisava me controlar.

Seria um escândalo!

Ela hesitou em se aproximar de mim e sua súbita indiferença em seu olhar me incomodou. Não havia o calor da noite anterior, busquei ardentemente em seu semblante, qualquer coisa que alimentasse minha paixão, mas ela mostrava-se apática. Como se minha presença a incomodasse. Foi um balde de água fria em meus sentimentos e eu fiquei desejosa de partir.

- Vou deixá-las a sós para conversarem – a condessa se levantou e se retirou.

Ficamos sozinhas, de portas fechadas e seu olhar para mim não mudou em nada.

- Trouxe os desenhos? – ela perguntou olhando para a pasta em minhas mãos.

- Sim...

Ela se aproximou e eu lhe entreguei a pasta. Enquanto meu âmago se

retorcia por senti-la perto, ela se afastou depressa e sentou-se no outro sofá, bem longe de mim.

- São lindos – ela elogiou e forçou um sorriso – A senhorita tem muito talento.

Ela falou com tamanha formalidade, que eu me perguntei se teria me enganado quanto aos sentimentos dela por mim? Eu estava tão carente de amor e paixão, que não enxerguei que apenas eu estava disposta quanto aquele sentimento? Eu teria confundido uma demonstração de amizade com outra coisa? Não podia ser!

- De quem são essas mãos? – ela perguntou separando um desenho e me mostrando.

- De Margareth, nossa governanta.

- É poético – ela olhou para mim finalmente – Faz mais do que reproduzir desenhos, senhorita, pode descrever a alma em poucos traços.

Não queria seus frios elogios, eu queria o calor de seu olhar, onde estava?

- Conseguiria fazer um retrato meu?

Eu não desejava. Como criança mimada que perde seu brinquedo preferido, eu queria pegar minhas coisas e partir e esquecê-la para sempre e apagar o amargor da rejeição. Mas agora que estava ali, necessitava ficar ou minha mãe me mataria.

- Claro que sim – eu clareei a garganta e concordei – Como gostaria que eu a desenhasse?

- Com a sinceridade de seu coração – ela disse e se levantou, me devolvendo a pasta e caminhando para perto da janela, sentando-se em uma

cadeira – Daqui pode me ver bem?

- Sim – eu fui até a mesa e me ajeitei.

Aquilo era uma tortura. Eu a desenhava com todo meu amor platônico. De repente, não ser correspondida, doía intensamente, e eu compreendi o que Henry sentiria se descobrisse que eu não o amava. Ele não o merecia, era um bom homem. Durante as duas horas seguintes, ficamos no mais completo silêncio, apenas o som do carvão deslizando sobre o papel. Enquanto eu saboreava de sua beleza, sentia o veneno do descaso me assolar, ela não me olhou um instante.

Eu queria chorar e me entregar ao drama do desgosto. Mas me controlava, talvez aquele sentimento devesse ser guardado apenas para mim e se afogar nos mistérios da minha alma.

A condessa entrou de repente, e levamos um susto como se fossemos pegas em flagrante. Ela se aproximou de mim, curiosa:

- O que está fazendo? – ela perguntou e parou ao meu lado.

Anne levantou-se:

- Elise está me desenhando – ela avisou.

- Elise! – a condessa falou surpresa levando a mão ao peito – É lindo!

- Obrigada – eu falei sem graça.

- Como a senhorita é talentosa! – ela pegou o desenho e olhou para a filha – Venha ver Anne...

Anne não parecia disposta a se aproximar, e com relutância o fez. Ela pegou o desenho e eu fiquei mais ansiosa se isso era possível. Os olhos dela se encheram de lágrimas e num impulso inesperado, ela deixou o desenho

sobre a mesa e saiu correndo da sala em prantos, deixando-me atordoada.

Eu me levantei e a condessa me olhou sem entender nada.

- Desculpe-me, Elise. Eu não compreendo o que houve – e saiu no encalço da filha.

Eu fiquei sem saber o que fazer, completamente arrasada. O que havia de errado com o desenho? Por que ela não gostou e ofendeu-se tanto? Subi para o quarto que me foi relegado e ajeitei minhas coisas. Meu coração apertou-se mais ainda quando Anne não desceu para o jantar.

- Ela não se sente bem, Elise – a condessa me avisou – Não sei o que houve com ela, mas acredito que estas mudanças de humor se dão pelo fato que logo irá partir. Peço desculpas.

Ela não me queria ali, eu podia sentir isso.

- Se quiser, posso voltar para minha casa, senhora.

- Fique, por favor – ela disse esperançosa – Tenho certeza que amanhã ela estará bem melhor e lhe dará uma explicação plausível para o seu comportamento.

- Esta bem...

Eu fiquei apenas por educação. E porque no fundo, eu queria compreender o que estava acontecendo. Mas meu desejo era fugir da dor que era o descaso de estar apaixonada e não ser correspondida.

Henry veio até Monbray despedir-se. Quando me beijou levemente, foi em Anne que pensei e lágrimas vieram aos meus olhos. Eu chorava por Henry, por mim e por Anne. Minha infelicidade causaria a tristeza de muitos e eu me sentia culpada. Eu não poderia amar Henry como ele esperava e não poderia ser amada por Anne como queria.

- Logo será nosso casamento, a primavera está aí – ele disse enxugando minhas lágrimas.

- Eu sei... – eu o abracei.

Como eu queria que as coisas fossem diferentes. Eu queria sentir por ele aquela paixão que ele sentia por mim. Não existia uma maneira de transferir sentimentos? Se pelo menos, eu o desejasse, mas não era possível e isto estava se tornado um tormento para mim.

Subi para meu quarto e tentei desenhar Henry, eu o fazia, mas não havia nada de ilustre na reprodução da imagem. Eu queria mais! Amassei o papel e o joguei longe. Ouvi batidas na porta. Quem seria àquela hora da noite, quando a madrugada avançava, levando meu sono embora?

- Entre – eu disse.

Era Anne.

Ela trazia consigo uma vela, e usava seu camisolão e seus cabelos loiros estavam soltos, cachos dourados deslizavam pelas costas. Ela deixou a

vela sobre o móvel e se aproximou de mim. Meu coração batia descompassado e eu a fitava, apreensiva.

- Precisa de alguma coisa, senhorita? – perguntei tentando esconder meu nervosismo.

- Senhorita Lewis – ela hesitou – Eu... Eu... Preciso lhe pedir desculpas.

- Não precisava ter pressa, poderia ter feito isto pela manhã – eu precisava esconder-me dela, não podia demonstrar que a queria mais que qualquer outra coisa na vida.

- Não podia, eu não conseguia dormir e vejo que a senhorita também não... – ela olhou para os desenhos dispostos sobre a escrivaninha.

Ela se aproximou do móvel e pegou o desenho de Henry.

- Seu noivo é um homem muito bonito – ela deixou o papel no lugar – A senhorita o ama?

- Não sei que diferença isto faz para a senhorita – respondi.

Ela voltou-se para mim:

- Faz toda a diferença... – meu coração bateu acelerado quando ela voltou para perto de mim e prosseguiu – Peço desculpas pelo modo como sai esta tarde do salão – repetiu.

Abaixei o olhar para a minha mão. Não queria demonstrar o quanto a atitude dela havia mexido comigo e expor meus sentimentos secretos e indecentes. O que a sociedade diria se soubesse que eu estava apaixonada por outra mulher? A própria Anne me colocaria para fora dali aos berros. Seria um escarcéu!

Anne tocou meu queixo com a ponta dos dedos e me obrigou a encará-la. Meu corpo inteiro sentiu uma descarga morna de prazer com aquele toque suave. Engoli seco, enquanto mergulhava na intensidade de seus olhos.

- Quando vi aquele desenho... – ela murmurou – Eu vi o mesmo sentimento que sinto secretamente...

Eu não podia acreditar no que ouvi. Ela se aproximou mais, e lentamente seus lábios tocaram os meus. Ela tremia, eu podia sentir. Imediatamente, meu corpo ficou febril e eu a beijei também.

Ela se afastou depressa e uma lágrima escorreu por seu rosto.

- Mas eu não posso – ela disse e soluçou contendo o choro, antes de virar-se e partir do quarto, tão depressa quanto entrou.

Era um amor proibido, um segredo escondido e eu não sabia aonde aquilo ia me levar. Toquei meus lábios que ainda sentiam o sabor dos dela. A única coisa que eu sabia, era que eu estava feliz.

Acordei na manhã seguinte radiante e feliz. Embora a fina chuva do outono caísse sobre nós, eu sentia como se fosse o dia mais quente de verão.

- Elise, eu almejo que fique à vontade em nossa casa – a condessa me disse durante o desjejum – Pela manhã, Anne faz suas orações e pelo que sei, ela está vigorosamente melhor do que ontem, soube que ela lhe pediu desculpas pela atitude infantil. Espero que a perdoe.

- Claro, senhora.

- Ela é uma moça boa, apenas não tem maturidade para lidar com certas coisas, não a deixamos viver realmente, ela nunca teve muito contato com pessoas, por isso, suas alterações de humor repentinas – explicou-se – Custa-lhe compreender o valor de uma verdadeira amizade.

- Eu compreendo.

- Estarei fora o dia todo, vou à casa dos Masterson, eu devo-lhes visita, afinal, não é sempre que estamos ao sul de Hertfordshire. Voltarei apenas amanhã, acredito que não ficará ofendida com minha ausência...

- De modo algum...

- É uma moça muito boa, Elise – ela me olhou com carinho – Não terá dificuldade em ser submissa ao seu marido.

E quem queria saber de casamento? Submissão? Eu apenas ansiava

reencontrar Anne.

Passei a manhã toda andando de um lado para o outro, ansiosa, em busca de qualquer coisa que ocupasse meu tempo, até que ela saísse de seu quarto. Horas se converteram em séculos e eu estava me despedaçando para não subir até o quarto dela e entrar sem ser convidada e tomá-la entre meus braços. Eu não queria assustá-la com a intensidade de meus sentimentos. No fulgor da minha juventude, eu estava vivendo o melhor de minha vida ao encontrar a verdadeira paixão e ser correspondida.

- Boa tarde, Elise – a voz dela soou as minhas costas. Meu nome em seus lábios era o encontro com o céu.

Voltei-me com um sorriso largo. Mesmo com olheiras enormes, ela continuava bela.

- Boa tarde, Anne.

Sorrimos cúmplices, nossos olhos cheios de ternura e fomos almoçar. Logo após, nos retiramos para a cesta na biblioteca.

- Conseguiu descansar? – ela perguntou depois que a empregada se retirou.

- Um pouco e você? – perguntei me sentando no sofá. Anne estava de pé próxima à janela.

- Não muito – admitiu.

- Por quê? – eu quis saber.

Ela me olhou:

- Por nós, Elise.

Eu sabia o que ela queria dizer: a culpa. Levantei-me:

- Também me sinto culpada, Anne – eu fui me aproximando dela devagar, com medo que ela desaparecesse se eu dissesse qualquer palavra errada.

- É errado – ela disse angustiada.

- É verdadeiro – retruquei.

Ela fez que não e abaixou o olhar para as mãos.

- Estamos transgredindo as leis divinas – ela argumentou.

- O que sentimentos é puro, ingênuo. Nunca me senti assim antes – parei ao seu lado e aspirei seu perfume, pensei que fosse morrer.

- Também não... – admitiu.

Eu hesitei, mas acabei por segurar sua mão. Sua pele estava fria, mas seus olhos brilharam com intensidade ante o toque. Havia prazer nisso, mas também havia amor.

- Todo sentimento genuíno é dado por Deus – eu insisti.

- Não é o que dizem as...

Eu a interrompi:

- Então me explique como podemos senti-lo, se ele não foi designado pelo único Criador? O único que pode criar todas as coisas? – eu murmurei segurando sua mão com mais força, então toquei seus dedos com meus lábios.

Ela mordeu os lábios e uma lágrima escorreu por seu rosto:

- Eu a amo, Elise – ela confessou.

Minha alma se desfez em felicidade. Aquelas palavras era música para

os meus ouvidos.

- Eu também a amo, Anne, de todo o meu coração.

Ela segurou minhas mãos e as beijou.

Nossas vidas foram seladas naquele momento.

Passávamos as horas lendo poesias, conversando, rindo com nossas ideias de moças tolas. A vida tinha outro sabor ao lado de Anne e aos poucos, eu comecei a compreender que não poderíamos viver uma sem a outra. Entretanto, nossos futuros já estavam traçados, nos levariam a dor da separação, mas não falávamos nisso. Como um escudo contra a verdade que não queríamos enxergar.

Numa tarde, estranhamente quente, eu e Anne estávamos no salão fazendo a cesta. Eu a encarei com um amor profundo e ela sorriu:

- O que foi? – ela perguntou jogando-se no sofá e deitando-se.

- Você é tão linda, Anne. Tão perfeita...

- São seus olhos apaixonados que me enxergam assim – ela sorriu também.

Eu me aproximei dela. Hipnotizada por sua beleza e soltei seus cabelos:

- Eu a enxergo tal como é – confessei.

Ela tocou meu rosto com a ponta de seus dedos finos e me virei para beijá-los. Nem sempre tínhamos intimidades, ou nos tocávamos, havia sempre empregados pela casa, mas naquela tarde não parecíamos nos importar com o risco. Além disso, Anne não estava pré-disposta a avançar mais em carícias, ela se esquivava sempre, sem dizer uma palavra e me

deixando cada vez mais frustrada. Entretanto, eu jamais a forçaria a nada.

Eu me abaixei para beijá-la, seus lábios convidativos, que me excitavam apenas por respirar. Sentei-me na ponta do sofá e aprofundei o beijo, enfiando minha língua em sua boca, arrancando gemidos de prazer. Abri os primeiros botões de seu vestido e toquei o seio com a ponta dos dedos. Então, ela sentou-se depressa:

- Não podemos, Elise...

Eu sabia que não, mas eu não suportava mais. Meu corpo se acendia de paixão, eu estava arrebatada, precisava dar-lhe prazer e sentir o seu.

- Eu sei – eu sussurrei e voltei a beijá-la. Agora com mais paixão.

Eu não podia pensar ou desistiria, ou ela se afastaria. Beijei a curva de seu pescoço e enfiei a mão novamente em seu vestido, acariciando com o polegar o bico de seu seio. Ela se agarrou a mim e eu substituí os dedos com meus lábios, e os mordisquei, e os chupei. Ela segurou meus cabelos, enfiando os dedos em meus cachos castanhos até que eles se soltassem.

- Não é certo! – ela insistiu com os olhos nublados de desejo.

Ela queria tanto quanto eu, e estava apenas tentando acalmar sua consciência. Voltei a tomar a pele delicada de seu pescoço e fui deixando um rastro de luxuria em cada ponto de sua pele. Abria cada botão do vestido e acariciava, fazendo-a se entregar para mim.

- Elise – ela me encarou insegura – Eu não sei o que fazer.

Eu também não sabia ao certo, mas meu instinto me guiava: eu era livre para experimentar o corpo de Anne. Desci meus lábios por sua barriga, por seus pelos e lambi sua virilha. Ela gemeu, estava febril, louca por mais. Ajoelhei-me no meio de suas pernas, beijei suas coxas bem devagar,

saboreando o banquete que me era oferecido. Eu lambi seus grandes lábios, ela estava encharcada e seu sabor me fez ficar cega de desejo. Eu seria a primeira a tocá-la a dar-lhe prazer e isso não tinha preço. Então me concentrei em seu botão, no clitóris que implorava para ser tocado. O lambi e ela ofegou.

Comecei a traçar um rastro com minha língua, para cima e para baixo.

Para cima e para baixo.

A principio fui delicada, mas quando ela puxou meus cabelos, foi o sinal que eu precisava para dar-lhe mais. Eu a chupei com força, movimentando cada vez mais rápido, enquanto ela arquejava seus quadris contra mim, tentando me sufocar. Então ela gozou, eu estava louca de desejo, quando a ouvi choramingar, submetendo ao prazer que eu lhe dei. Ela soltou meus cabelos e me encarou confusa:

- Elise...

Eu a beijei nos lábios e peguei seus dedos para guiá-la até mim, para baixo de meu vestido. Ela olhou-me surpresa, tentou tirar sua mão, mas a segurei com firmeza e a fiz me acariciar. Sentei-me em seu colo e comecei a mover meus quadris sobre seus dedos. Abri o decote de meu vestido e a obriguei a chupar meus seios.

Elise perdeu-se em mim. De própria vontade, ela começou a movimentar os dedos, imitando minhas ações e chupava-me deixando meus seios duros. Não demorou muito para que eu gozasse e murmurasse seu nome ao terminar.

Beijamos e ela riu. Então eu disse:

- Quero mais de você, Anne. Sinto que nunca estarei satisfeita...

-Sou sua, Elise... Para sempre...

Anne de repente estava viciada em fazer amor. Sempre que ficávamos a sós, ela dava um jeito de tocar meu corpo, beijar-me, de me acariciar por debaixo da saia. De repente, o perigo, o risco que corríamos em sermos pegas, nos cegava. O prazer que dávamos uma a outra, era viciante. Ela ia todas as noites para o meu quarto e saía de lá quase pela manhã. Comecei a notar que estávamos obcecadas uma pela outra, mas preferi negar que isto estivesse acontecendo e tínhamos o controle da situação.

Numa tarde em minha casa, ao visitarmos minha mãe, eu fui lhe mostrar o sótão. Minha mãe e a condessa estavam se inteirando das últimas fofocas de Londres e nem notaram nossa ausência. Elas não se lembrariam de nós tão cedo.

Tranquei a chave da porta e me voltei para Anne:

- Tire o vestido Anne – eu mandei e comecei a tirar o meu.

Eu não tirava os olhos dela. Deliciava-me com sua nudez perfeita, os seios grandes e empinados, os quadris estreitos a cintura fina, as pernas longas. Ela era meu sonho, meu maior desejo. Então eu a beijei, sentindo cada centímetro do seu corpo contra o meu. Toquei suas costas, seu bumbum, seus quadris e me esfreguei em sua coxa, estava encharcada e ela também.

- Deite-se na mesa, Anne – eu ordenei apontando para a mesa, e ela o fez.

Eu subi na mesa que ficava no canto e encaixei meus quadris sobre o rosto de Anne.

- Masturbe-se – eu exigi e ela me obedeceu.

Ao ver sua submissão, eu enlouqueci e comei a cavalgar sobre sua boca. Ela esticou a língua para fora e a usei para me acariciar. Olhei para frente e da pequena vidraça eu podia ver a paisagem que estava acostumada a desenhar, e comecei a me perder entre o prazer que Anne me dava e a paisagem a minha frente, e de repente eles fundiram em um só e eu a sufoquei contra a minha vagina e ela ofegou, tentando respirar.

- Você é minha, Anne – eu dizia gozando sobre ela – É minha!

Gozei intensamente, até chorar.

Depois nos vestimos e nos deitamos no telhado. Para premiá-la por ser minha amante perfeita, eu levei a mão debaixo de seu vestido.

- Vê a paisagem? – eu disse ao seu ouvido – Goze para ela.

- É perigoso... – ela tentou se levantar, mas eu não deixei.

- Estou mandando gozar, Anne – eu massageei seus seios por cima do tecido – Entregue-se para mim, por favor...

Ela cedeu e para surpresa dela, enfiei meus dedos em sua vagina. Meus carinhos sempre eram externos, nunca daquela forma. Ela arregalou os olhos para mim, enquanto eu movimentava meus dedos num entrar e sai feroz.

- Sei que gosta – eu sussurrei – Goze para mim!

Ela entregou-se, rebolando em meus dedos. E a fiz gozar sobre o telhado. Quando terminei ela implorava por mais e chupou meus dedos,

experimentado do seu sabor. Depois ficamos abraçadas olhando o céu e então ela me encarou e disse:

- Você foi a melhor coisa que me aconteceu, Elise.

E ficamos em silêncio. Um raio cruzou o céu e eu senti um medo enorme crescer dentro de mim. O outono estava chegando ao fim.

Então veio o aviso de que Anne partiria no fim de semana para o convento.

Nós choramos desesperadas.

- Por que anteciparam? – eu perguntei andando de um lado para o outro sem saber o que fazer.

- Querem que eu esteja lá no inicio do inverno...

- Você não pode ir – eu falei segurando suas mãos.

- Não tenho escolha, Elise. Nós sabíamos que um dia eu iria, nossa separação é inevitável.

- Você não pode aceitar o fim!

- E o que quer que eu faça? – ela se alterou desesperada.

- Podemos fugir – eu propus – Vamos para bem longe daqui e seremos felizes. Poderíamos fingir que somos irmãs! Ninguém desconfiaria!

De repente, a esperança reacendeu em mim, mas Anne fez que não:

- Nenhum lugar nos aceitaria – ela disse entre lágrimas – Somos aberrações para eles! Além disso, seria um escândalo! Imagine o que seria de nossas famílias... Não podemos fazer isso com eles... Vamos viver do que?

Ela tinha razão, mas eu não queria aceitar.

- Por favor, Anne, eu não poderei viver sem você! Daremos um jeito...

- Claro que poderá viver. Você é forte, Elise, terá Henry como marido e ele lhe será bom.

- Não posso... – eu fiz que não – Não depois de conhecê-la... Não sou tão forte assim...

- Claro que é – ela me encorajou – Mas temos que nos agarrar a isso, Elise...

- Não posso viver sem você! – fiz que não.

- Eu sei – ela me abraçou desesperada – Mas preciso me agarrar a isso para não enlouquecer... Preciso acreditar que podemos seguir em frente... É a única coisa que temos de real agora...

Ela me puxou para um beijo e eu a abracei com força, abri seu vestido e toquei seu corpo com raiva e paixão. Ela correspondeu com o mesmo ardor, me mordendo. Ela me empurrou contra a cama, e antes que eu pudesse pensar, Anne meteu a mão debaixo de minha saia e enfiou os dedos em minha vagina com violência, me tomando enquanto chorava, desesperada pelo fim. Eu gozei e ela me abraçou num doloroso soluço. Entre lágrimas, voltei a beijá-la apaixonada.

- Não se vá – eu implorei – Não me deixe...

- Eu te amo, Elise – ela disse entre os beijos antes de entregar-se a mim, uma última vez.

Dormimos abraçadas naquela noite e quando acordei, Anne havia partido. Chorei agarrada ao seu xale que ficou em minha cama. Ela não se despediu e duvido que nós tivéssemos forças para isso, eu não a teria deixado ir. Voltei para casa sentindo-me um nada. Por dias fiquei trancada em meu

quarto, sentindo-me doente, eu precisava de Anne desesperadamente, minha vida não tinha sentido sem ela.

- Triste uma moça não poder seguir com sua vida – minha mãe comentou certa vez.

Mal ela sabia, que eu me sentia do mesmo modo.

Pensei em escrever, mas isso apenas aumentaria nossa saudade e dor e eu não sabia se entregariam a carta a ela. Fiquei com medo que lessem e a punissem por nosso amor. Devido minha solidão e por não esconder minha tristeza, mandaram-me para Londres e na primavera eu e Henry nos casamos. Como eu imaginava, ele era um perfeito marido, não havia em que repreendê-lo ou reclamar de qualquer coisa. Eu segui com minha falsa vida. Eu sorria quando deveria sorrir, era boa quando deveria ser e fui como a vida quis que fosse.

Vez ou outra eu me pegava desenhando o rosto de Anne, eu não queria esquecê-la. Eu me perguntava se ela pensava em mim, da mesma forma que eu me recordava de nossos momentos juntas. Foi esse tempo de felicidade que me incitou a continuar com a vida e a esperança de um dia reencontrá-la, mesmo que fosse para vê-la de longe.

Anos depois, quando meus filhos já corriam pela casa, fomos passar o natal em Stort Park, foi uma festa grande, dada por meu pai. Eu estava ansiosa para rever os condes e ter noticias de Anne. Eles chegaram acompanhados das filhas e seus maridos, mas Anne não estava com eles para minha decepção. Ela era uma freira, jamais participaria de festas como aquela.

- A filha deles morreu no último inverno – uma senhora comentou.

Eu senti meu coração apertar e olhei para Henry assustada. Ele sempre

soube de meu carinho por Anne e de nossa forte amizade.

- Qual filha? – ele perguntou a mulher.

- A caçula!

Meu grito ecoou pela casa. Parte de mim se foi com Anne e se não fosse o fato de estar grávida pela terceira vez, eu teria sucumbido à morte. Meses se passaram até que um dia a Condessa de Huntigdon veio me visitar. Não esperava por ela. Estava com a gravidez avançada e já com dificuldade de me sentar. A condessa que sempre fora tão jovial, parecia ter envelhecido anos.

- O bebê é para quando? – ela perguntou.

-Para logo – respondi. Vê-la, me fazia sofrer mais.

- Está muito bonita, Elise! – ela forçou um sorriso.

- Obrigada...

- Eu deveria ter vindo antes – ela começou a falar – Mas, eu não consegui – ela me entregou um pacote – Este é o diário de Anne, acho que ela gostaria que fosse seu.

Eu tremia ao pegar o pacote. Parte de Anne estava ali.

A condessa se levantou para partir e então eu perguntei:

- Do que ela morreu?

- De amor. – disse emocionada - Foi seu nome que ela chamou antes de dar o último suspiro.

Ela se foi sem olhar para trás. Ao contar-me tal fato, não havia amargura em suas palavras. Estava comovida. Uma mãe sempre sabe a verdadeira dor de um filho. Naquela noite, eu entrei em trabalho de parto e

minha primeira filha nasceu. Foi um parto difícil e acabei por adormecer. Quando acordei, Henry estava sentado ao meu lado e em suas mãos o diário de Anne.

Senti um aperto no peito, eu não queria magoá-lo. Era óbvio que ele havia lido página por página. Ele estava sério e impassível. Levantou-se e caminhou até a lareira e para meu desespero, ele jogou o diário no fogo. Então se voltou para mim:

- Vamos deixar os mortos onde estão – ele sentou-se ao meu lado.

Havia compaixão em sua voz.

- Eu sinto muito. Nunca quis magoá-lo.

- Teria me magodo mais, se tivesse me abandonado – ele confessou.

Eu o abracei e chorei em seus braços. Anne tinha razão, Henry era um bom marido. Ouvimos o choro do bebê e ele me encarou:

- Acredito que nossa pequena Anne deve estar com fome – ele levantou-se – Vou buscá-la.

Vi Anne parada do outro lado do quarto. Ela sorria para mim. Um dia, nós nos encontraríamos, por que pertencíamos uma a outra para sempre, na vida ou na morte.

- Eu a amo – murmurei com lágrimas nos olhos.

Ela sorriu com seus olhos intensamente verdes e então, como a leve brisa de verão, ela passou por mim e se foi.